

A EXPERIÊNCIA DA REGÊNCIA NAS AULAS DE GEOGRAFIA A PARTIR DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM UNIDADE ESCOLAR DO MUNICÍPIO DE CARPINA-PE

Anderson André de Lima Silva¹
Maria Rayssa Silva²
Luciana Rachel Coutinho Parente³

RESUMO

O trabalho exposto objetiva descrever as experiências resultantes da regência nas aulas de Geografia, a partir das especificidades estabelecidas pelo Programa de Residência Pedagógica (PRP), em uma instituição de Ensino Fundamental e Médio, situada no município de Carpina – PE. A residência se tornou de um valor fundamental para a formação acadêmica sabendo-se que, a realização do ato de ensinar é fundamental para a qualificação do professor. Os residentes têm como instigação a execução dos conceitos vistos para a elaboração de táticas mais dinâmicas para o ensino da Geografia. Os resultados obtidos até o momento indicaram que o PRP oportuniza a formação dos futuros docentes e faz com que os alunos envolvidos adquiram conhecimento de forma efetiva, fundamentado nas pluralidades de intervenções, nas observações sobre a importância do estudo geográfico e no uso das leituras do mundo real. Vale referir que a escola campo tem abraçado o PRP onde todos os profissionais caminham dispostos a interdisciplinaridade, com vistas a promover um ensino dinâmico e mais eficaz. Os frutos, até agora alcançados, são notados no cotidiano dos estudantes. Através da residência desenvolvemos na escola atividades mais lúdicas, dinâmicas, além de projetos de intervenção visando diferenciar das atividades que são executadas no cotidiano escolar e estimular o interesse dos alunos para participarem das aulas. Nesse seguimento, nos espelhamos em teóricos como: Santos (2012), Schulman (1992), Freire (1997) entre outros. Assim, o trabalho aqui apresentado nos proporciona uma reflexão sobre o PRP aplicado no contexto da realidade escolar, especialmente no que se refere aos educandos do Ensino Fundamental II.

Palavras-chave: Geografia, Educação, Programa de Residência Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Tem sido constante os debates acadêmicos sobre uma formação continuada para professores. O Programa Residência Pedagógica (PRP) surge devido à preocupação com a qualidade do ensino e também com o cenário da realidade da educação pública. O PRP busca proporcionar uma relação entre o ensino superior e a educação básica, nos ambientes de ensino-aprendizagem.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade de Pernambuco –UPE, andersonxy@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade de Pernambuco-UPE, silvarhayssa4@gmail.com;

³ Orientadora, Docente da Universidade de Pernambuco- UPE, luciana.coutinho@upe.com

Experienciar a prática do ser professor de Geografia torna-se primordial para que se consiga atenuar os obstáculos encontrados no início da docência. Considerando também, a necessidade da relação entre a teoria estudada na Universidade como prática em sala de aula, pois na primeira etapa, a de observação, ficou perceptível que algumas atividades propostas pela escola não eram tão dinâmicas. A escola possui poucas atividades que motivam a ludicidade e a criatividade dos alunos optando pela teoria e a utilização apenas do livro didático em sala de aula, o que causa nos alunos uma menor interação.

De acordo com Santos (2012):

“Ludicidade é essencial para o desenvolvimento das crianças, pois por meio desta o aluno é livre para se expressar, para isso as atividades precisam ser desobrigadas. Á vista disso, a implementação do programa na escola, estimula o espaço de aprendizagem e torna-o mais dinâmico”.

A produção desse relato justifica-se durante o período que atuamos como residentes do PRP, em uma escola da rede governamental no Município de Carpina-PE, em turma dos anos finais do ensino, onde observamos todo o ambiente escolar e em especial as aulas.

Presenciamos dificuldades que por inúmeras vezes atrapalhavam as aulas o que prejudicava o processo de aprendizagem, e foi a partir dessas situações que decidimos buscar esclarecimentos a respeito de desses assuntos, onde, conseguimos minimizar as situações e contribuir com o trabalho pedagógico nas aulas.

Neste ensaio objetiva-se relatar experiências decorrentes da regência que foram desenvolvidas na escola, mostrando o processo da relação teórica com as práticas utilizadas na sala de aula. Apresenta-se aqui algumas aprendizagens e reflexões sobre essas experiências, nas quais demonstram situações que contribuíram para a formação dos residentes e tecemos uma narrativa para apresentar os problemas vivenciados e as saídas que encontramos para as situações que enfrentamos nos momentos de regência escolar.

Nossa primeira atividade consistiu nos estudos teóricos, realizada pelos residentes participantes do projeto, no ambiente da universidade. Esses estudos tinham o propósito de discutir assuntos que nos ajudariam a entender a relação da Base nacional Comum Curricular (BNCC) com o mundo escolar, os alunos e todo corpo docente da escola. Nos reuníamos com no ambiente acadêmico para analisarmos sobre a importância do vínculo entre escola e Universidade, onde deixamos de ser os transmissores para sermos os mediadores.

Na escola campo, a residência é de grande importância para a compreensão da realidade dessa instituição pois ela contribui na formação dos educandos e respeita seus

limites. É necessário que o aluno-residente reflita sobre que prática usar e como construir o aprendizado junto aos alunos através do que foi adquirido na faculdade, é nesse ponto que entra o importante elo entre as teorias e as práticas. Assim, compreende-se que a residência pedagógica serve para dar apoio e ajuda ao residente no que se refere a observar a realidade na qual ele atuará, sendo a regência o ponto chave para formação de futuros docentes.

Com isso, compreendemos que o papel do professor na contemporaneidade precisa de uma preparação pedagógica no que é referente à realidade, por mais que a escola não seja a instância formadora superior para a formação social, ela é o meio mais acessível e fácil para a formação do cidadão.

Vale esclarecer que o presente ensaio está estruturado em cinco seções. Além desta seção introdutória e das considerações finais. Na primeira seção consta a metodologia que foi pensada pelos residentes para a realização das aulas; na seção seguinte pois, descrevemos o PRP e o processo de formação continuada; Já na seção resultados e discussões mostramos como foi o processo de regência nas salas de aula, as vivências e se as nossas perspectivas foram alcançadas.

Diante disso, acreditamos que ao refletir sobre as práticas na escola a partir das nossas experiências, mostraremos também sobre a construção da formação do docente de Geografia, pesquisando os melhores processos para um trabalho efetivo e em interação com a realidade dos estudantes.

METODOLOGIA

Para o bom funcionamento das aulas, focalizamos em nossos objetivos e o caminho que iríamos tomar para alcançar o bom desempenho junto aos estudantes da escola campo do PRP.

Neste sentido temos as contribuições de Freire (1997):

“As lições apresentam, na sua maioria conteúdos “artificiais” que não despertam o interesse dos alunos, pois estão distantes da realidade dos mesmos, que acabam interiorizando a necessidade de fazê-los, uma vez que não percebemos aplicabilidade do que aprendem na escola com a realidade vivida”.

Dito isto, entendemos que os conteúdos dados na aula de Geografia têm que ser próximos a realidade dos alunos, elaborados de acordo com as suas experiências de vida.

Libâneo (2008, p. 29-30) expõe:

“As novas exigências educacionais pedem a universidade um novo professor capaz de ajustar a sua didática as novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno[...].”

A Geografia disponibiliza inúmeros recursos para um novo ensino, enriquecendo a metodologia que será aplicada. É proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), trabalhar na sala de aula conteúdos geográficos com olhar crítico e dinâmico, fazendo com que o aluno consiga se envolver na aula, possibilitando assim o diálogo e um melhor aproveitamento.

Para atingirmos os objetivos que foram propostos na Residência, foi preciso aprimorar técnicas e desenvolver estratégias inovadoras de ensino que conseguissem aguçar e encantar os alunos para que eles começassem a gostar da Geografia, com isso, utilizamos aulas expositivas dialogadas, leituras de mapas, exibição de vídeos, confecções de mapas e desenhos, dentre outros.

Cabe pontuar que a base dos conteúdos programáticos é diferente dos temas que o livro possui, o que acaba dificultando o ensino. Sabemos que o livro é primordial pois, ele serve como um norte para a construção da aprendizagem, além de auxiliar o professor. Mesmo diante essa dificuldade buscamos maneiras e mecanismos que contribuíram no ensino.

Percebemos que utilizando métodos mais lúdicos nas aulas prendíamos mais a atenção dos alunos.

Para melhor contextualização dividimos os assuntos em dois blocos principais, onde o primeiro bloco abarcou as questões de cartografia básica e o segundo bloco abrangemos temas voltados a natureza e ambiente.

Nas aulas de orientação e localização espacial, onde o nosso objetivo era fazer com que os alunos conhecessem os principais instrumentos de orientação, os pontos cardeais e colaterais, dentre outros, utilizamos uma metodologia voltada a aulas mais expositivas com a presença de mapas e atividades de colagem sobre o tema para fixação dos conteúdos.

Em relação aos conteúdos de orientação e localização dispomos como objetivos fundamentais para os alunos o conhecimento dos principais instrumentos de localização e orientação, enumerar as várias formas de orientação e comparar as formas de orientação entre os astros e os instrumentos e construir a noção de localização a partir da localização dos corpos celestes.

Estes conteúdos estruturam-se didaticamente da seguinte forma: Orientação espacial; Formas de orientação; Orientação pelo sol, pela lua e pelas estrelas; Pontos cardeais, colaterais e subcolaterais e rosa dos ventos.

Metodologicamente utilizamos aulas expositivas e aulas práticas, onde a quadra da escola foi utilizada como espaço de aprendizagem, os recursos didáticos utilizados foram o quadro branco, mapas, bússola e o globo terrestre.

Avaliamos a partir da participação dos alunos nas atividades propostas, grau de colaboração e por fim realizamos um teste com perguntas objetivas sobre o conteúdo.

Para os conteúdos de coordenadas geográficas e fusos horários estabelecemos os seguintes objetivos: Fazer com que compreendam o que são paralelos e meridianos, latitude e longitude e que consigam distingui-los. Focamos também na compreensão do sistema mundial de fusos horários mostrando cálculos matemáticos.

Estes conteúdos foram estruturados da seguinte forma: sistema de coordenadas geográficas; paralelos; meridianos; latitude; longitude; e fusos horários brasileiros.

A metodologia aplicada para trabalhar os conteúdos referidos foi através de aulas expositivas; aulas extraclasse, observação e mapas. Foram dispostos como recursos didáticos o quadro branco, o mapa Mundi e o globo terrestre.

Para ajudar na fixação do conteúdo, foram feitas atividades em sala e deveres de casa. Assim, foi construído um processo de avaliação processual onde observamos o comportamento e o interesse dos alunos no decorrer das atividades.

Nas aulas de projeção cartográfica objetivamos a obtenção de conhecimento para a utilização e interpretação mapas, utilizando os estudos cartográficos para apoio ao estudo e fazer com que possam identificar as diferenças entre os mapas e as cartas.

Estruturamos os conteúdos dessa forma: O que é mapa; Tipos de mapas; Nova tecnologias, sensoriamento remoto; O que é uma projeção cartográfica; Tipos de projeções cartográficas; Escalas dos mapas e Interpretações de mapas.

Como metodologia, ocorreram aulas expositivas do conteúdo proposto e leituras compartilhadas. Os recursos didáticos utilizados foram o quadro branco, mapas e o globo terrestre. Para uma melhor fixação e compreensão do conteúdo foi realizado uma atividade de produção onde cada aluno teria que construir um mapa respeitando todos os itens que ele deve conter.

Para a avaliação realizamos uma atividade (teste) com perguntas objetivas de múltipla escolha.

Nas aulas que demos sobre os climas do Brasil, tivemos como objetivo conceituar climas, conhecer os tipos de climas do Brasil, identificar as formas de cobertura vegetal no Brasil e estabelecer uma relação entre clima e vegetação.

Dessa forma o estruturamos o conteúdo do seguinte jeito: O clima; Classificação de climas no Brasil e a fitogeografia brasileira (florestas, matas, cerrado, caatinga, entre outros).

A metodologia utilizada foi aplicada na forma de aulas expositivas e interativas, leitura e um pequeno seminário que apresentamos e uma atividade de construção de um mapa climático e fitogeográfico do Brasil. Os recursos didáticos utilizados foram o quadro branco, mapas, slide show, cartolina, emborrachado, cola, tesoura, lápis de pintar e canetas.

A avaliação se deu de forma tradicional, com uma prova que mescla questões abertas e fechadas.

DESENVOLVIMENTO

A O Programa Residência Pedagógica, realizado na Universidade de Pernambuco, através de incentivos da CAPES, procura inovar em metodologias e estratégias a Política de Formação de Professores objetivando uma nova observação sobre as vantagens que o programa tem ao transcorrer das atividades para a aprimoração da prática de ensino.

A Geografia é primordial para os estudantes pois ela atua na formação de cidadãos que crescerão cientes de suas responsabilidades sociais. Diante do exposto, o PRP aplicado a Licenciatura em Geografia promove uma formação propicia a prática vinculando melhor a relação Universidade e escola.

Corroborando Giglio (2010), as vivências de formações continuadas veio com uma conexão estabelecida entre o sistemático e temporário na prática pedagógica. Uma consideração interessante é a indispensabilidade de desenvolver uma união entre as escolas e as universidades, para ampliar o contato dos residentes e o corpo instucional de ensino.

O residente aperfeiçoa minunciosamente o contato que tem com a escola e faz uma análise de interesses da escola para determinar o modo de trabalho com o objetivo de que todos que fazem parte do corpo escolar e todos estudantes se desenvolvam da melhor forma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início da ação da regência as turmas mostraram um certo distanciamento e também uma curiosidade em relação aos residentes, qual o papel que iríamos exercer na escola. Surgiram então dúvidas como “O que é esse programa?” “Quem são essas pessoas?”. Mesmo inseridos diante de critérios, sabemos que nem sempre é fácil a aceitação e a proximidade dos alunos em relação a nós, meros desconhecidos para eles. Diante disso, fomos logo inseridos em projetos ativos e diretos que a escola propõe para que se iniciar então a interação com todo o corpo escolar. Assim, desenvolvemos atividades com os alunos como: festividades folclóricas, ambientais, culturais com temáticas de diversidade e cidadania.

Posteriormente as atividades já ouvíamos elogios por parte dos alunos dos quais passaram a perguntar “E os residentes? O que irão realizar hoje?”. Isso nos confirmou que a inserção do nosso novo método estava dando certo. A cada fim de dia percebíamos uma nova conquista e um obstáculo que foi superado.

Seguimos nossa jornada como professores regentes. Demos início a exposição de assuntos e aplicação das atividades criadas por nós mesmos, com a ajuda da preceptora. Agora, nos tornamos protagonistas e não observadores. Interagimos e dialogamos entre nós quais serão as melhores formas de dar aula e questionamos aos alunos o que eles esperam sobre as aulas.

Em pouquíssimo tempo assumimos o papel de professores regentes em sala de aula, conseguimos os papéis de figuras de respeito ao sermos chamados de professores, sendo questionados e solicitados sempre que preciso. Essa independência foi conquistada durante a criação de envolvimento entre nós e os alunos, situação ocasionada graças as atividades do PRP, e devido também a intervenções desenvolvidas por nós.

Durante a regência trabalhamos conteúdos obedecendo à sequência de ensino. Os conteúdos dados estão contemplados nos Parâmetros Curriculares Nacionais e também nas diretrizes propostas pela Secretaria de Educação de Pernambuco, além do que é definido pela Base Nacional Comum Curricular.

Para narrar nossa experiência em sala de aula, vamos utilizar a turma do 9º ano como objeto de nossas vivências.

Nosso primeiro contato com essa turma se deu de forma amigável, os alunos foram bem receptivos, então logo após nos apresentarmos, começamos um diálogo com a turma para saber o grau e o nível de conhecimento sobre o conteúdo a que estavam submetidos no

momento, esse diálogo culminou em uma revisão geral em que, alguns alunos colaboraram e participaram ativamente nesta revisão, mostrando assim, interesse sobre o conteúdo abordado, o nível de concentração da turma estava alto, pois esta revisão se deu de forma bem dinâmica. Assim, foi nos revelado um caminho a seguir e a forma de como devemos trabalhar naquela turma.

Na aula seguinte, começamos com o conteúdo de orientação espacial, onde mais uma vez, a aula se deu de forma dinâmica, onde nós, residentes, nos alternávamos durante a explicação dos conteúdos para trazer uma dinamicidade maior, e, como previsto os alunos reagiram bem a essa nova metodologia em sala, conseguindo cada vez mais o entrosamento com a turma. Notamos que alguns alunos era mais difíceis de se tentar uma aproximação, sendo que os mesmos não demonstravam interesse durante nossas explicações, mesmo tentando interagir com o mesmo, dessa forma, uma nova adequação teve que ser feita, e na aula seguinte logo após a explicação realizamos uma prática lúdica na quadra da escola (figura 2), onde a turma foi separada em dois grupos e foi trabalhado a orientação espacial. Notamos que esse alunos que não demonstravam atenção e interesse em sala, participaram da atividade, ou seja, eles estão saturados da sala de aula, mesmo com todo nosso esforço para tentar deixar a aula mais leve dinâmica e divertida, é necessário que haja práticas fora da sala de aula, e se possível, fora do âmbito escolar, pois dessa forma conseguiremos atingir estes alunos “saturados”, trazendo-os de volta para o ensino de forma mais consistente.

Figura 2: Atividade Lúdica sobre Orientação



Fonte: Os autores, 2019.

Após a conclusão sobre os conteúdos de orientação espacial, partimos para a cartografia, trazendo os conteúdos de fusos-horários e coordenadas Geográficas, percebemos um forte déficit dos alunos nestes conteúdos, pois o mesmo contém cálculos em sua base, revelando assim, uma dificuldade em relação a matemática básica.

Mesmo tendo essas dificuldades, com muita revisão e atividades complementares

muitos deles conseguiram resolver todos os exercícios, e respondiam todas as perguntas que lhes foram ofertadas em sala, mostrando assim, que com persistência, se consegue junto a eles construir uma base sólida.

Com uma explicação de revisão sobre os fusos horários, propomos a realização de uma atividade de colagem em grupo (figura 3) onde realmente se saíram bem, pois mostraram união e calma para a elaboração da atividade.

Figura 3: Realização de atividade em grupo



Fonte: Os autores, 2019.

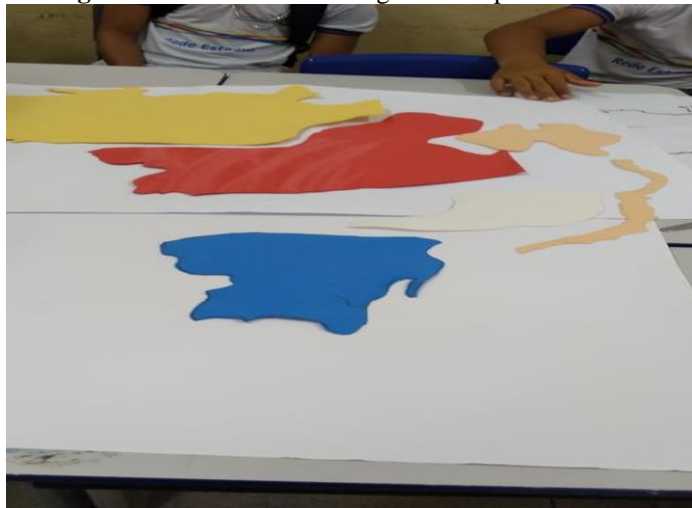
Mesmo com a realização de aulas expositivas, atividades de fixação os resultados sobre o assunto exposto não se refletiram de forma significativa no exercício de avaliação da primeira unidade, dessa forma foi possível notar que o único momento de contato com o estudo é na própria escola, tendo quase ausência de estudo em casa.

Devido ao meio em que estão inseridos, a falta de estrutura familiar, muitos alunos não têm interesse na escola, nas aulas, eles apenas a veem como um local de socialização para com seus colegas, um lugar onde podem se alimentar. No período de observação, ficamos sabendo da situação dos alunos que frequentavam a escola, foi nos relatado várias experiências negativas que outros professores tiveram e nos foi aconselhado ter pulso firme, ter atitudes que demonstrem poder e soberania, superioridade, mas, vimos que isso não é necessário, pois, com o decorrer das aulas, seguindo nossa metodologia dinâmica, os problemas durante as aulas foram muito abaixo do esperado por nós, isso demonstrou que, com o método certo, com a forma de tratar certa, conseguimos o nosso atingir objetivo.

Nas aulas do segundo bloco, voltadas a natureza, sentimos um ânimo maior nas realizações das atividades que propomos. Um exemplo foi o exercício de construção de um mapa sobre os climas do Brasil (figura 4), nesse exercício os alunos estavam muito

motivados na construção e durante a composição do mapa eles explicavam uns aos outros as características sobre os climas. Visto isso, entendemos que o nosso trabalho está sendo realizado de forma satisfatória.

Figura 4: Atividade de montagem de mapa climático



Fonte: Os autores, 2019.

Lidamos com várias dificuldades, uma delas é a questão das horas-aula, pois o tempo curto não possibilita que nós demos atenção a todas as modalidades que a Geografia abarca. Frente a essa realidade cabe a nós estudarmos meios para desenvolvermos de forma ampla as modalidades, dando ênfase a habilidade adaptada a cada situação.

Esse pouco tempo em aula torna o nosso trabalho, algumas vezes descontínuo o que dificulta os estudos que queremos desenvolver. Com isso chegamos a uma solução, a aplicação de atividades em fichas que são coletadas e reutilizadas em estudos posteriores.

Uma outra dificuldade que temos que encarar é a carência de recursos visuais, como Datashow e projetores. Existem na escola, porém em quantidade mínima e sem revisão o que complica a exposição de assuntos que necessitam de usos de imagens, vídeos, filmes, entre outros.

Através do Programa Residência Pedagógica aprendemos o quanto é importante que nós tenhamos um planejamento, assim temos controle sobre atividades que propomos o que nos salva de imprevistos. Conhecemos as dificuldades que precisamos enfrentar e somos cientes do quão importante é a formação de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós construímos a nossa profissão a partir do momento em que gerenciamos aulas, vem disso a relevância do contato que temos com os estudantes na escola para que consigamos reduzir problemáticas futuras do ensino.

A sugestão do Programa Residência Pedagógica em abraçar experiências dos docentes de escolas públicas e discentes licenciandos em Geografia é relevante pois isso permite a união da teoria do curso à prática no ambiente em que a docência acontece, desenvolvendo um senso crítico e articulando novos métodos de ensinamentos na educação.

A Residência é indispensável na construção da nossa identidade como professor, enquanto sujeito da nossa formação profissional, construímos saberes de acordo com a superação de fragmentação do conhecimento. E ainda, com a prática da Residência Pedagógica aprendemos a resolver problemas e passamos a entender a importância do professor como bom profissional.

As pequenas falhas e os acertos que cometemos em sala de aula fez toda diferença para nossa construção. A partir dessa carga de experiência que adquirimos e a importância que damos ao ser professor, consideramos que é com isso que funciona uma escola de qualidade.

Ser professor é amar e acreditar na profissão. É se doar através de ações que servirá de espelho para seus estudantes; se ensinamos os estudantes a refletir estamos então atingindo o objetivo, pois esse aluno será a prova do que foi ensinado.

Com todo esse trabalho, concluímos que a residência pedagógica nos oferece uma formação que nos leva a refletir sobre nossas práticas docentes e como iremos atuar em sala.

Diante de tudo o que foi feito, reconhecemos que o conhecimento vai se reconstruindo ao passar da vida e à medida que vamos refletindo sobre teoria e prática. A participação na Residência nos mostrou que não é simples transformar as experiências que obtivemos na faculdade e passar para realidade do mundo profissional.

Os residentes representaram dentro da escola um *status* com diferencial, uma identidade coletiva. A ideia é de que o residente estaria ali muito bem preparado para mudar o modo de fluidez da educação. O autor Cavaco (1990; p. 121) afirma que “os primeiros anos da profissão, a entrada no mundo do trabalho é uma confirmação social e uma promessa de acesso à autonomia e a possibilidade de construir um projeto novo”. Mesmo com ideias frescas e apoiados pelos profissionais que já exercem a profissão há muito tempo, precisamos que as escolas continuem favorecendo encontros, partilhas de saberes, acompanhamentos e no fortalecimento da ideia de que é na escola que os professores saem formados.

REFERÊNCIAS

CAVACO, Maria Helena. **Retrato do professor enquanto jovem**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 29, p. 121-139. Fev. 1990.

DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Secretaria de estado da educação do Paraná. Disponível em:
<www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/diretrizes/dce_geo.pdf>. Acesso em: 05 abr. de 2019

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 3º Ed.. São Paulo, Cortez, 1997.

GIGLIO, C. M. B. **Residência Pedagógica como diálogo permanente entre a formação inicial e continuada de professores**. In: DALBEN, A. et al. (Org.). *Convergências tensões no campo da formação e do trabalho docente*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v. 1, p. 375-392;

MBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010

LIBÂNEO, J.C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissionais docentes- São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Josiane Soares. **O lúdico na Educação Infantil**. In: Fórum Internacional de Pedagogia. Campina Grande, Realize, 2012. Disponível em:
<www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ludico> Acesso em: 24 de mai. 2019

SCHULMAN, Lee. **Renewing the Pedagogy of Teacher Education: The Impact of Subject Specific Conceptions of Teaching**. Paper apresentado no Simpósio sobre Didáticas Específicas en la Formación de Profesores, Santiago de Compostela, 1992. Disponível em:
<www.revistageoalisse.com.br/revista/trabalhos.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2019